

“AS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: QUESTÕES DE GÊNERO E PODER”

Fernando Cesar Vaghetti (Escola estadual Marechal Floriano)

Grupo de pesquisa em Educação Física escolar da FEUSP (CNPq)

Resumo

Este trabalho tem o intuito de apresentar um relato de experiência em andamento realizado em uma escola estadual de São Paulo com as terceiras séries de ciclo I do Ensino Fundamental. Apresenta como objetivos: reconhecer os saberes sobre as lutas que as crianças conhecem; ressignificar estas lutas no contexto escolar, aprofundar e ampliar os saberes e os conhecimentos dos/as alunos/as quanto às lutas existentes na sociedade. Para tanto, o projeto busca valorizar as “vozes” das crianças e questionar as relações de poder e gênero existentes no curso das aulas. Percebe-se, ao longo das aulas, que os/as alunos/as participam, questionam, dialogam, sobre as diversas manifestações das lutas reconhecidas no ambiente escolar. A investigação em curso trata-se de uma pesquisa-ação crítico-colaborativa, que partindo da cultura patrimonial das crianças sobre as lutas tem nos possibilitado verificar novas possibilidades de linguagem para a Educação Física Escolar.

Palavras chave-lutas-pedagogia da cultura corporal-projeto

Relato de experiência

Ao realizar uma avaliação diagnóstica com os alunos e alunas das terceiras séries do ciclo I no começo do ano letivo, identificamos alguns conhecimentos e saberes que estes possuem em relação às lutas presentes em nossa sociedade.

De início solicitei que os alunos realizassem um tipo de pesquisa, relatando o que sabiam sobre as lutas, alguns comentavam que não sabiam nada, outros diziam que já sabiam tudo, entre outras respostas mas, também, que pudessem entrevistar alguém da família ou responsável para que pudessem realizar a pesquisa e contribuir com o projeto. Nesta primeira fase, respostas diversas foram diagnosticadas, como exemplo: luta é: briga, esporte, soco, brincadeira, exercício, dar cabeçada, enforcar, dar golpes, ter coragem, ter medo, entre outras respostas.

A partir deste contato e diagnóstico com os alunos (as) iniciamos o projeto com lutas para que possa reconhecer, ressignificar, aprofundar e ampliar os conhecimentos e os saberes sobre tal manifestação da cultura corporal.

Com isto, realizamos um mapeamento e reconhecimento sobre as lutas que as crianças conheciam ou já ouviram falar. Interessante afirmar que, as três terceiras séries (A, B e C) possuem distintos conhecimentos sobre as lutas. Após este mapeamento, em que cada turma manifestou as lutas que conheciam, realizamos uma votação para eleger qual luta iríamos iniciar o projeto. Relevante comentar que cada série eleger lutas distintas também, o que necessitou de uma pesquisa mais aprofundada e maior para o professor.

Vale lembrar que, ao realizar um mapeamento e posteriormente reconhecimento da cultura do aluno no espaço escolar, criamos condições para incentivá-lo a questionar sobre o mundo e sua realidade, proporcionamos condições para que interfiram no cotidiano, construímos identidades, mobilizamos desejos, e acreditamos que estas são funções

pedagógicas que podem ser desenvolvidas em seu entorno.

Para Canen (2001, pp. 222):

“reconhecer a diversidade de universos culturais de alunos no âmbito de práticas docentes implica não só a conscientização acerca do peso dessas práticas no sucesso ou no fracasso destes alunos, mas também na importância de se trabalhar no sentido de mobilizar as expectativas positivas que promovam a aprendizagem de todos, independentemente de raça, classe social, sexo ou padrões culturais”.

Neste sentido ressaltamos que ao reconhecer o universo cultural dos alunos/as um componente importante na prática pedagógica é libertado e deve ser contextualizado na escola que são as “vozes” dos alunos. A “voz” refere-se à gramática cultural e à bagagem de conhecimento que os indivíduos utilizam para interpretar e articular a experiência.

Para McLaren (1989, p.252) o conceito de “voz” é importante, pois alerta os professores para o fato que todo discurso é situado historicamente e mediado culturalmente, e parte do seu significado deriva da interação com os outros.

No entanto, entendemos que, somente reconhecer o que o aluno/a já sabe pode-se correr risco de “cairmos” em um relativismo cultural, para tanto precisamos aprofundar e ampliar os conhecimentos e os saberes destes na escola.

Determinadas às lutas para o estudo, enfatizamos que faz-se necessário estruturar o que será, como será, porque será, para que será e de que forma será aprendido e estudado tais manifestações.

Neste caso, diante de um planejamento participativo junto com os alunos(as) de cada série, estruturamos o que poderíamos aprender sobre as práticas eleitas, e de início os alunos citaram que precisaríamos estudar os golpes, a história, como se ganha uma luta, quais os uniformes, por que algumas lutas possuem faixas, qual a pontuação, quem inventou.

Percebe-se que, durante o projeto, muitas confusões sobre as lutas surgiram e também as relações de classe, raça, gênero, poder e etnia são bem nítidas. Por exemplo, para uma determinada turma, e não queremos generalizar mas, quem pode lutar somente são os homens, mulheres não participam e isto fica claro quando o projeto iniciou porque algumas meninas resistiam a realizar alguma prática. Neste caso, discutimos e dialogamos porque não queriam realizar a prática quando esta foi solicitada. Elas diziam que isto era “coisa de menino”, “menina não briga professor”.

Para que fique claro, comentarei aqui somente sobre uma turma em que esta relação de gênero foi salientada.

A primeira prática eleita desta turma foi o judô, perguntei a eles(as) como era a luta de judô, para tanto, solicitei que formassem grupos e que cada grupo tentassem realizar uma luta de judô. Como deixei aleatório a escolha dos grupos, percebeu-se que os meninos formaram seus grupos e as meninas formaram os delas(normal e compreensível) e diante da proposta o grupo de meninas não se sentiam confortáveis em realizar a vivência. Com isto, discuti com elas e percebi que não queriam por diversas questões, como já citamos anteriormente e a partir daí precisaríamos dialogar mais a respeito desta relação de gênero presente.

Continuando o projeto, levei aos alunos(as) uma ficha com diferentes golpes do judô, até para que conhecessem mais a respeito e solicitei que realizassem uma leitura do movimento (nesta ficha continha o nome do golpe, e um desenho de duas pessoas realizando um golpe do judô). Estes teriam que analisar o golpe e descrever na ficha como era realizado

o golpe, para tanto precisariam que “imitassem” o golpe que estava na ficha (cada grupo possuía um golpe diferente). Após explicarem e vivenciarem os golpes os grupos realizaram uma apresentação para explicar como era o golpe e qual seu nome. Expliquei a eles que na maioria das vezes o nome do golpe do judô se equivale ao gesto/movimento que esta sendo feito.

Após esta ampliação de conhecimento, disponibilizei um vídeo que mostrassem como era realizado o golpe pelos atletas, solicitei que assistissem ao vídeo e fizessem relações com a vivência que foi estudada nas aulas anteriores.

Apesar desta metodologia apresentada, as relações de gênero ainda continuavam (o que também não é de estranhar). Seguindo o projeto, e como compreensão da luta de judô , indaguei aos alunos(as) como ganhava uma luta de judô. Neste caso especificamente, elaboramos algumas regras como ressignificação da prática dentro do contexto escolar e tentamos realiza-la. De imediato eles diziam que “tem que jogar pra fora do colchonete(não possuímos tatames na escola)”, “tem que derrubar três vezes o adversário”, “não pode chutar, morder, dar soco”. Com isto realizamos a vivência e em uma aula posterior assistimos a vídeos de lutas , tanto masculinas como femininas para uma melhor compreensão e leitura da luta, e assim , poderem identificar os golpes e como ganhava.

Dando seguimento ao projeto, trouxe aos alunos(as) uma apresentação feita em power point sobre a pontuação, as faixas, onde era realizada a luta e alguns significados da luta. Lembro que uma aluna já havia feito aulas de judô e foi muito importante para que a classe pudesse identificar determinadas relações de gênero e que conhecessem um pouco mais da experiência desta, que também trouxe seu uniforme dos tempos que praticava judô.

Solicitei que realizássemos uma luta de judô, tive um problema com a câmera de vídeo que possuía e acabei não conseguindo gravar a luta que realizaram, também realizamos uma avaliação somativa para identificar o que aprenderam e o que não aprenderam sobre a luta.

Indico que, vivemos em um mundo basicamente masculino e, sabe-se que as mulheres foram e são muitas vezes subjugadas e excluídas de determinadas situações sociais e culturais na sociedade. As aulas de Educação Física nesta turma não conseguiram ainda desalojar este preconceito (e também não é só tarefa da educação física) mas, depois de muitas discussões percebi que pelo menos e até o momento a inserção das meninas em relação ao projeto lutas esta um pouco mais efetivo e participativo e que um movimento com relação aos saberes e os conhecimentos sobre a manifestação estão sendo ampliados.

Para apresentação do relato de experiência será necessário data show

Referências Bibliográficas

CANEN, A. Universos culturais e representações docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural. *Educação e Sociedade*, ano XXII, nº 77, Dezembro, 2001.

MCLAREN, Peter. *A Vida nas Escolas: Uma Introdução à Pedagogia Crítica nos fundamentos da Educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

NEIRA, M.G. e NUNES, M.L.F. *Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas*. São Paulo: Prorte Editora, 2006.